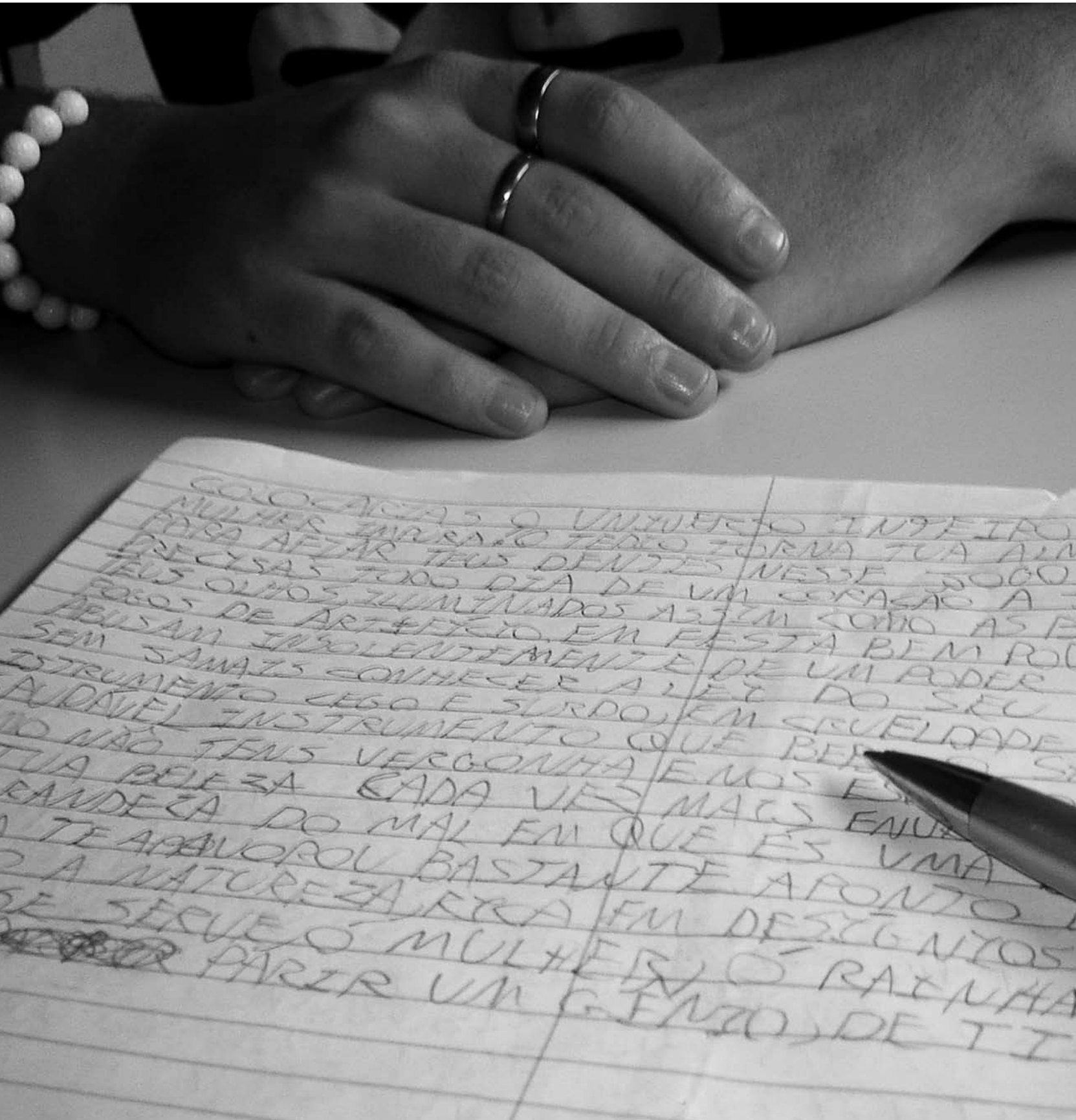
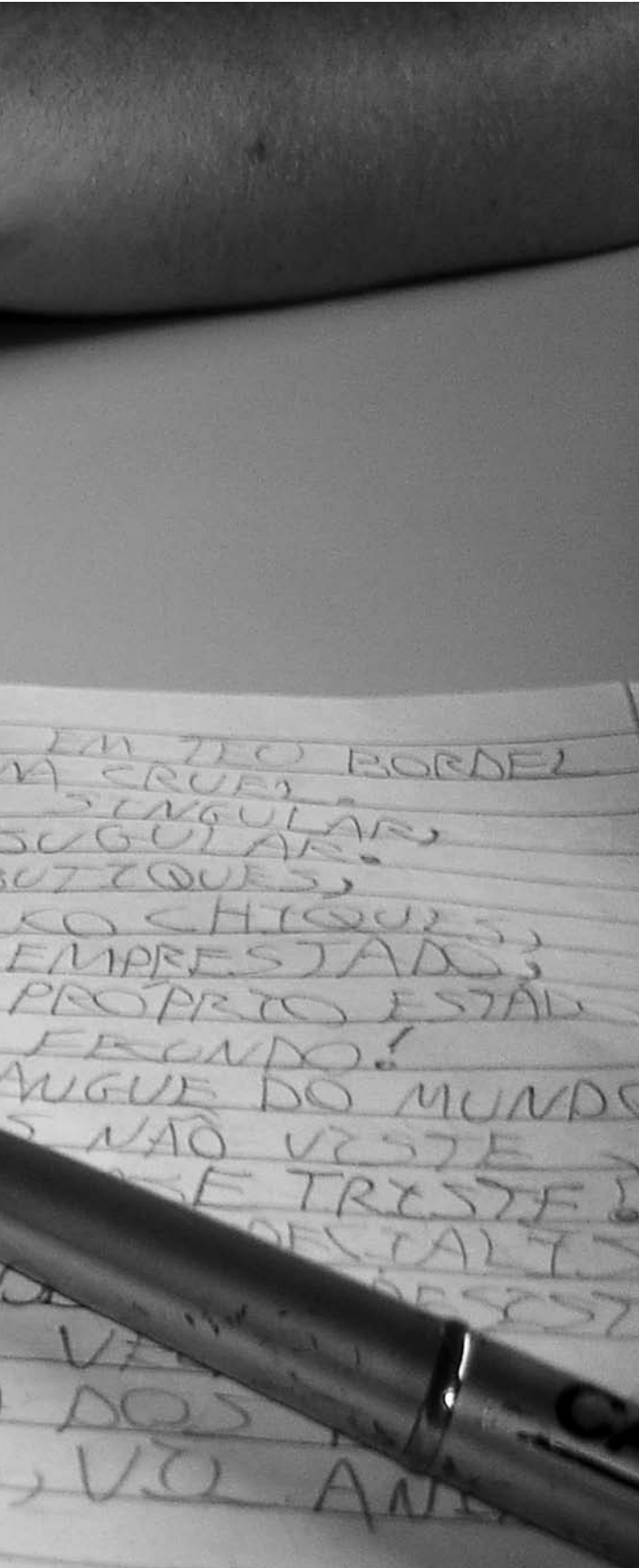


ESCREVENDO UMA NOVA



HISTÓRIA



O Centro de Atendimento em Semiliberdade abriga 16 adolescentes infratores que buscam a reintegração na sociedade

TEXTO E FOTOS **MARIA EVANA RIBEIRO**

Entre as belas casas da rua Padre Reus, em São Leopoldo, há uma com paredes de pedra bruta e discretos telhados. É a residência de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa. Lá, eles descobrem, no decorrer da convivência, novos laços afetivos, valores e conceitos, além de permanecerem unidos em busca de um bem comum: a liberdade. Nos finais de semana, ensaiam o regresso definitivo à casa dos pais e à comunidade.

O Centro de Atendimento em Semiliberdade (Casemi) é uma casa pequena, não muito diferente das demais. Abriga jovens infratores que agora frequentam a escola, fazem cursos e oficinas profissionalizantes e praticam esportes. Essas atividades são imprescindíveis e servem como regras de permanência na casa.

Ao chegar no Casemi, um socioeducador me guia por dentro da instituição. A entrada é pela garagem, reformada para funcionar como escritório. Na parte inferior ficam os setores técnicos e administrativos e depósitos de materiais de expediente e de alimentos. A primeira sala que se avista do corredor é a menor. Lá funciona a checagem. Os rapazes que saem ou chegam são submetidos a uma revista para evitar a entrada de objetos indesejados na unidade.

Na segunda sala há um pequeno posto de enfermagem, com kits de primeiros socorros em cima da mesa. É lá que a enfermeira Clarisse Wuttke atende por duas horas todos os dias, desde a criação do local. Suas palavras revelam o carinho pelos jovens: "São bons meni-



nos e muito espertos, fazemos tudo que podemos para deixá-los à vontade”.

No estreito corredor, encontro outras salas que servem para as oficinas de pintura, aulas de reforço e conversas com psicólogos e pedagogos. A sala da administração é simples e organizada, tem apenas duas cadeiras, uma mesa e um armário. A parede é decorada com pinturas manuais feitas pelos internos em tons de azul e branco, que representam a paz.

O sistema de semiliberdade

Em São Leopoldo, há alguns anos, instituições não-governamentais se uniram para recuperar dependentes químicos numa tentativa de diminuir os altos índices de violência e de reincidência entre os jovens que saíam da Fundação de Atendimento Socioeducativo (Fase). A ação começou com a desintoxicação de moradores do bairro Rio dos Sinos, tido como o mais perigoso da região. O trabalho envolvia também acompanhamento psicológico e pedagógico, cursos e encaminhamento ao mercado. Conquistou bons resultados e a simpatia das autoridades.

Em 2003, o Estatuto da Criança e do Adolescente instituiu a qualificação do atendimento nas medidas socioeducativas de semiliberdade e de meio aberto tendo como paradigma o fortalecimento de vínculos familia-

res e comunitários. Dessa forma, a Fase criou em São Leopoldo o Casemi, primeira casa no Estado a atender crianças e jovens no regime de semiliberdade. O Casemi abriga hoje 16 adolescentes de 12 a 19 anos, todos vindos do regime fechado da Regional de Novo Hamburgo, uma das unidades da Fase. Cerca de 300 jovens já passaram por lá e recomeçaram suas vidas com profissão, emprego, estudo e um novo jeito de encarar a vida.

O diretor, o pedagogo Pedro Rosa, trabalha há 17 anos com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Pedro conta como o jovem vai parar lá: “De acordo com a avaliação do psicólogo, ele pode ou não vir para a semiliberdade. Tudo depende do comportamento, do estado psicológico e da liberação do juiz”. Em alguns casos, o cumprimento de uma medida já começa pelo Casemi. De acordo com a Fase, cerca de 1.172 adolescentes estão em liberdade privativa no Rio Grande do Sul, mas apenas 36 no sistema de semiliberdade, que é uma forma de benefício. Para concedê-lo, são feitas avaliações a cada semestre.

O diretor conta com uma equipe social multidisciplinar. São dois psicólogos, um assistente social, uma enfermeira, um educador pedagógico e seis socioeducadores que acompanham os internos em todas as atividades. Para uma convivência pacífica, todos têm tarefas

diárias, horários programados e regras a cumprir. "São apenas seis meses da sentença estabelecida pelo juiz, mas o suficiente para o processo de reinserção na comunidade e na vida social. Por isso eles têm que se readaptar com responsabilidade, pois lá fora vão ter que cumprir tarefas também", ressalta Pedro.

A psicóloga Ana Lúcia Czermainski, há sete anos no Casemi, acredita que o diferencial é a atenção individual aos menores. Ana Lúcia enfatiza que as famílias e o ambiente doméstico têm papel importante na recuperação. Por isso, os psicólogos fazem visitas periódicas às residências e incentivam o acolhimento do jovem. "É importante conhecer o ambiente para onde vão retornar ao fim do processo. Eles têm de se preparar para o que vão encontrar lá fora", ressalta.

Os moradores e as atividades

No andar superior, as paredes bem limpas e as escadas brancas comprovam o bom trabalho dos internos, responsáveis pela limpeza do ambiente. Um carpete verde-escuro forra o chão da sala até os quartos. Oito adolescentes se reúnem em frente à pequena televisão. Na sala, sempre arrumada, os meninos sentam, levantam e caminham o tempo todo. No canto esquerdo, um armário de metal cinza guarda os pertences pessoais. A chave fica com o acompanhante de plantão. Uma prateleira expõe casinhas artesanais de madeira, jornal ou outro tipo de papel. Três sofás cobertos por mantas coloridas dão um ar alegre ao ambiente.

No interior dos três quartos da casa há beliches e camas arrumadas, armários, tênis no chão e um pequeno varal de toalhas usadas. Alguns garotos descansam no quarto. Os que estão na sala assistem e debatem sobre o filme *O terno de 2 bilhões de dólares*, estrelado por Jackie Chan. Três deles se dedicam aos pequenos quadrados de papel de seda coloridos que são alinhados em várias camadas, fazendo origamis. A prática do artesanato japonês os ajuda a combater o ócio e a desenvolver a cognição.

André*, 18 anos, que tem nas mãos cicatrizes da violência das ruas, chegou no Casemi há quatro meses e meio. Faltando pouco para o cumprimento da medida, se diz ansioso, mas preparado para enfrentar a vida lá fora com responsabilidade. "Aqui é muito diferente. A gente acaba se sentindo útil e amado. Na Páscoa ganhei chocolates, acredita?", diz ele, enquanto encaixa pedaços de papel. Recuperado das drogas, André se sente mais próximo da família do que nunca. "Todo fim de semana vou pra casa e levo presentes. Minha mãe fica muito feliz." O rapaz não gosta de lembrar do sufoco que já viveu. Prefere sonhar com o primeiro emprego, que, assim como a liberdade, está a caminho. Enquanto isso, passa os dias se dedicando à arte do origami, vai ao futebol três vezes por semana e faz curso de informática.

Léo* também se envolveu com drogas desde a infân-

cia. De família classe média, sempre teve tudo que quis, o que não evitou que seguisse o caminho errado. Recém-chegado ao Casemi, já percebeu que a atenção, o respeito e o carinho vão ajudar na sua recuperação. Acredita que a experiência na casa é muito importante para sua volta ao seio da família. Segundo ele, o principal já foi aprendido: dar o devido valor à liberdade. É a primeira vez que cumpre uma medida, e espera que seja a última. O rapaz passa boa parte do tempo a escrever poesias e letras de músicas. Como os demais, encontrou no origami uma forma de combater a ansiedade. Seu maior desejo é terminar a sentença e se dedicar à filosofia. "Já está tudo certo para eu prosseguir meus estudos. Minha família me aguarda ansiosa."

Enquanto os meninos do Casemi arrumam as dobraduras de seus origamis, repensam seus valores e alimentam a esperança de nunca mais viver sem liberdade.

* Os nomes foram trocados

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Sentir o local e vivenciar uma situação é o que todo repórter precisa para soltar as ideias. Acredito que a palavra certa é a recompensa. Eu resumiria assim a experiência de passar uma tarde dentro de uma unidade socioeducativa. A minha matéria, que trata de um assunto tão polêmico e ao mesmo tempo tão limitador para boa parte da sociedade, me mostrou que a liberdade e o limite são palavras diferentes, mas uma não é total sem a outra. Boa parte dos meninos que entrevistei no Casemi sonha com um futuro de liberdade, incluindo profissão e responsabilidade. No Casemi, percebi que os valores mais apreciados ensinam que o respeito é a maior lição da vida. Pode ser respeito pelos outros ou por si mesmo, mas deve ser valorizado. Senti que o local me envolveu, mostrando que todos podem reconhecer seus erros e recomeçar. Mesmo quando o erro é dos outros devemos respeitar. Deparei com uma longa estrada ao sair de Porto Alegre para São Leopoldo, e a cada quilômetro percorrido, me incomodava a ideia de ter que perguntar os porquês dos meninos estarem na liberdade assistida. Finalmente, quando cheguei ao local, decidi que o melhor mesmo não era falar e sim escutar, pois naturalmente veio a resposta para as perguntas, mesmo as mais difíceis.